Geraldo Alkmin sobre Educação

Simon Schwartzman

30 de agosto de 2018

Geraldo Alkmin começou sua entrevista na *Globo News* em 29 de agosto falando sobre educação, como sua grande prioridade se for eleito. Para seu crédito, é o candidato que tem dado mais importância ao tema, e tem metas bem definidas. Por isto mesmo, elas precisam ser mais bem esclarecidas.

Ele pretende, ao longo de oito anos, aumentar em 50 pontos a posição dos estudantes brasileiros no PISA, que é o exame internacional de desempenho escolar realizado em todo o mundo pela OECD, no qual o Brasil tem se saído muito mal. Perguntado sobre como vai fazer isto, disse que pretende ser o presidente da educação infantil, para crianças de 3 a 5 anos, que é quando se desenvolvem as competências iniciais de linguagem, matemática, leitura e trabalho organizado que são a base para a aprendizagem que vem depois. Perguntado como pode planejar para 8 anos, quando seu mandato seria de quatro, disse que pretende implantar uma política de estado, de longo prazo.

São metas importantes, mas falta dizer como pretende fazer isto, e talvez ele e sua equipe pretendam explicar melhor nas poucas semanas que campanha que vêm pela frente. Uma dúvida inicial é que a conta não fecha. O PISA é uma avaliação do desempenho de estudantes de 15 anos que estão matriculados no final do ensino fundamental ou primeiro ano do ensino médio. Supondo que ele consiga melhorar muito a qualidade da educação infantil no Brasil, que hoje é bastane ruim, estas crianças só chegarão à idade de fazer o PISA e e ter algum impacto em seus resultados daqui a dez anos, e ainda faltariam oito para passar do atual nível, que é de aproximadamente 400 pontos, para 450.

Mas, o que significam estes números? O exame do PISA avalia os estudantes em competências de linguagem, matemática e ciências. 500 pontos correspondem à escolaridade esperada depois de 9 anos de estudo, e é a média dos países desenvolvidos. É possível dizer, de forma simplificada,

que a cada 39 pontos no PISA na prova de linguagem corresponde um ano de escolaridade, o que significa que, no Brasil, nossos estudantes da nona série têm uma escolaridade equivalente à metade da sexta. Se a meta de Alkmin for alcançada, daqui a oito anos nossos estudantes de 15 anos teriam progredido pouco mais do que um ano em escolaridade, ou seja, estariam em um nível correspondente à metade da sétima série, ainda bem abaixo do desejável.

É possível subir no PISA nesta velocidade? O único país que se aproximou disto, na história destas avaliações, foi o Peru, que passou de um patamar próximo dos 350 pontos, com um país em guerra civil e as redes escolares completamente desorganizadas, a um nível semelhante ao brasileiro, que está entre os piores nas comparações internacionais, e tem um sistema educativo estruturado, razoavelmente financiado, mas de má qualidade. Nenhum outro país conseguiu avançar em velocidade semelhante.

Falando sobre educação infantil, Alkmin deu dados mostrando que sua cobertura ainda é incompleta, mas não disse que ela é da responsabilidade das prefeituras, e que a qualidade, pelo que se sabe, tende a ser muito ruim – as crianças raramente são expostas a um ambiente educativo e estimulante sem o qual os benefícios da escolarização inicial são incertos. Os níveis seguintes, o fundamental I e II, até os 14 anos, também são administrados pelos municípios. Tem havido algum progresso no fundamental I em algumas localidades, mas não nos quatro anos do fundamental II, que é quando muitos jovens começam a abandonar a escola e não atingem os conhecimentos mínimos avaliados pelo PISA. Como o governo federal, na possível gestão de Alkmin, pretende trabalhar com os municípios e estados para melhorar isto? Dando mais dinheiro? Mas o dinheiro anda escasso, a sabemos que mais dinheiro não significa necessariamente melhor educação. Transferindo as escolas para o governo federal, criando uma imensa e intratável nova burocracia pública, como tem sido proposto por alguns? Atuando na formação dos professores? Mudando os procedimentos de escolha dos dirigentes escolares, e implantar estímulos de desempenho? Voltar a mexer na Base Nacional Curricular Comum recém aprovada que deixou intacto o formato altamente disfuncional do fundamental II?

Não existem respostas fáceis para estas questões, mas são elas, e não metas gerais, que vão determinar se a educação brasileira vai finalmente sair da estagnação em que se encontra, apesar

do grande aumento de gastos investidos no setor nos últimos anos. Tomara que o próximo governo consiga encontrar novos caminhos.

Comentário de Renato Pedrosa:

Ninguém, de fato, acredita nas metas do PNE, ou em promessas que nossos políticos fazem sobre educação. Realisticamente, se fizéssemos um excelente trabalho, contínuo e persistente, seria possível mudar o quadro em uma geração, no mínimo, pois a relação entre o nível educacional dos pais e dos filhos é muito alta, a educação não dá saltos, toda vez que saltos aparecem, podem ir checar os dados, houve alguma mudança metodológica ou algum erro na coleta ou processamento dos dados. O fato é que o Brasil está estagnado nos dois aspectos importantes, no EM: a) O número de concluintes do EM regular está parado em torno 2 milhões há 15 anos, quando deveria se aproximar de pelo menos 3 milhões de jovens, ou 88% do total da população na idade esperada de conclusão (3,4 milhões é a população típica nas faixas etárias 17-20 anos no país, atualmente). b) A qualidade da formação, indicada por qualquer medida, PISA (15 anos) ou PB (concluintes do EM), por qualquer metodologia, é desastrosa. O indicador de alfabetismo funcional da Fund. Paulo Montenegro indica que mais da metade dos adultos que possuem EM completo não estão plenamente alfabetizados, o que seria o nível de uma pessoa bem formada de 12-13 anos (e 37% dos que estão no ES ou já o concluíram, dados de 2011). Creio que uma política consistente avançando no tempo integral no EM, com bolsa ou estágio remunerado para todos que precisam, é a única forma de fazer isso funcionar. E isso ajudaria a acabar com uma jabuticaba gigante, criminosa, crianças e jovens estudando à noite.